

Mostra Brasília: um novo espaço ao sol

Por Guilherme Lobão

A Mostra Brasília desta 47ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro pode não ter apresentado grandes títulos, mas revelou potenciais e experimentos de linguagem que sopraram novo fôlego ao prêmio paralelo concedido pela Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Antes, vale aqui uma curtíssima memória dos últimos anos da disputa entre produções locais.

No final da década passada, a aceitação de filmes em formato digital provocou dois fenômenos dentro da esfera do Festival de Brasília. Primeiro, a derrocada da sempre esfuziante mostra de 16mm. Segundo, o aumento expressivo de inscritos, devido à maior facilidade de produção.

Mas, com isso, a Mostra Brasília, que escolhia seus favoritos entre as produções locais na competição oficial e extraoficial, inchou. Eram filmes (sobretudo curtas) demais. Até em 2011 virar uma bagunça. Em todos os sentidos. A mostra deixava de ser exibida no Cine Brasília e era relegada ao Museu da República – à época com problemas sérios de projeção. A classe reunida brigou, protestou. Os horários também eram dos mais ingratos para as equipes e para o público. A maratona começava 14h30 e seguia até o fim da tarde. Com os atrasos, comprometia a agenda de quem tentava acompanhar a mostra competitiva (então marcada para as 19h).

O maior problema é que eram muitos filmes. Se eram filmes. A democratização do formato digital – ainda bem por ela – trouxe, por outro lado uma das piores (senão a pior) safra de filmes da mostra. Uma profusão de produtos – e até subprodutos – audiovisuais despejados sem qualquer critério na tela. Não há aqui juízo de valor, para que fique claro. De fato, havia pouco cinema sendo projetado. Entre os “filmes” encontravam-se videoclipes musicais de bandas (feitos com o objetivo de serem videoclipes musicais de bandas), matérias de telejornal e até uma fotocoloragem turística e um vídeo didático amador filmado por uma professora para seus alunos de primeiro grau – utilizando, inclusive, recursos em power point. Um horror!

Naquele ano, por iniciativa do júri da Mostra Brasília, foi redigida uma carta à Câmara Legislativa, organizadora do evento, apontando a necessidade de uma seleção prévia. Acatada a sugestão, desde 2012 a competição brasiliense passa por uma peneira. E cá estamos para falar, enfim, da última safra dos filmes produzidos no Distrito Federal.

Entre longas, apenas três pleiteavam o troféu concedido pela câmara distrital. O vencedor, *Branco Sai. Preto Fica*, deixou os concorrentes a verem navios. Também ganhador do prêmio principal da competitiva, a ficção científica do ceilandense Adirley Queirós era uma escolha óbvia. Não por política ou por hype, mas pelo vigor desta saga distópica de furioso, porém bem-humorado, discurso social.

Curioso que *Branco Sai. Preto Fica* foi a primeira produção do DF a levar o Candango principal em 20 anos – merecidamente, diga-se. O último havia sido o fundamental *Louco Por Cinema* (1994), de André Luiz Oliveira, cineasta agraciado com o Candango de melhor direção na Mostra Brasília deste ano, superando Adirley, por seu documentário *Zirig Dum Brasília – A Arte e o Sonho de Renato Matos*.

Embora não seja um grande filme do experiente cineasta baiano radicado em Brasília – registrando outro baiano radicado em Brasília –, o longa apresenta virtudes em sua modéstia. E faz mais do que documentar o querido e genial multiartista Renato Matos. Um recurso

inteligente utilizado por André Luiz, por exemplo, foi optar por entrevistas muito econômicas com o personagem e preferir deixá-lo se expressar por meio da sua obra – principalmente pelas canções, que funcionam como um veio narrativo e falam por si só.

Outra qualidade monstruosa do documentário é o registro. Ora, em um ano em que o teor documental dos filmes é atributo estético, *Zirig Dum* derrapa por planos e soluções um tanto óbvias, mas apresenta conteúdo imprescindível. Renato é artista sincero, espontâneo. Ele não estourou nas paradas de sucesso (“porque quem estoura é bomba”, diz à câmera, com a irreverência que lhe é peculiar). Aqui ele é posto em seu lugar, como peça fundamental da história da arte urbana e do pensamento cultural brasileiro.

O terceiro longa, *Jogo da Memória*, de Jimi Figueiredo (*Cru*), foi o corpo estranho da disputa. E não no bom sentido. A protagonista (Simônia Queiroz, companheira de vida do diretor) é guiada no piloto automático – ela mesma exibindo uma atuação robótica – por recônditos da casa e das ruas de sua cidade natal em busca de lembranças. Aos poucos, o roteiro abre arcos dramáticos frouxos, cria *mise en scènes* das mais amadoras e, portanto, de resultado final desastroso na tela.

Sobre os curtas, mais uma vez a Mostra Brasília apresenta bons esforços de uma geração de jovens realizadores da capital, muitos deles egressos da academia. Entre os treze postulantes ao troféu distrital, não apareceu nenhum trabalho de excelência. Muito menos o único candidato da mostra competitiva principal e vencedor de melhor curta aqui, *Crônicas de uma Cidade Inventada*. O trabalho de Luísa Caetano introduz um instigante estranhamento ao abrir seu roteiro para a interferência dos personagens reais de Brasília, mas aos poucos abandona a proposta. Sob verniz de uma fotografia publicitária, a trama escapa do tensionamento ficção/realidade para buscar o lugar-comum da reportagem de telejornal.

Alguns curtas, contudo, se destacaram por agregar experiências fílmicas ousadas, criativas. *Meio Fio*, de Denise Vieira, tinha potencial suficiente para concorrer em pé de igualdade na competitiva do festival. Trata-se de um dos filhos do prolífico coletivo Ceicine, do qual integra Adirley Queirós. Denise, aliás, é diretora de arte de *A Cidade é Uma Só?* e *Branco Sai. Preto Fica*. E, embora apresente preocupações sociais semelhantes às de Adirley (de realocar a periferia urbana, separando-a do contexto “da Brasília”), apresenta discurso próprio, carregado de simbolismos sobre o feminino e o brega.

Meio Fio também se apropria de enunciado documental para engendrar uma narrativa ficcional sobre uma radialista que acabara de se mudar para Águas Lindas (GO), Entorno do Distrito Federal. É um filme que trata de amor – aquele amor tolo, desmedido, agoniado – mas também versa sobre recomeços e sobre espaços, sem precisar dizer muita coisa.

Problemáticos, mas com propostas expressivas de linguagem, outros dois curtas chamaram atenção nesta safra brasileira: o irreverente *Rua J*, de Gustavo Serrate, e o cômico *Ácido Acético*, de Fáuston Silva. O primeiro, cuja exibição deu pau, só pôde ser visto pelo júri (e por quem procurou o diretor para assistir pela internet). Trata-se de uma autobiografia audiovisual do cineasta em sua realação com a tal rua do título, onde o diretor mora desde pré-adolescente. Os depoimentos bagunçados – entremeados pela montagem nonsense e vídeos amadores feitos pelo próprio cineasta ao longo dos anos – revelam um apaixonado pelo fazer cinema, mambembe que seja, bebendo em fontes do trash, como Ivan Cardoso.

Em *Ácido Acético*, Fáuston (de *Meu Amigo Nietzsche*, vencedor da Mostra Brasília de 2012) realiza uma brincadeira colegial. A comédia coloca o público diante de seus próprios preconceitos, ao inverter algumas lógicas do “favela movie”. Por exemplo, ao contrapor um senhor de paletó dirigindo uma caminhonete e ouvindo rap com dois moleques em um carro velho escutando música clássica. Tecnicamente, a projeção mostrou problemas básicos no uso

do foco e na captação de som direto. Ambos compensados pela câmera frenética, que apresenta uma saudável desordem de enquadramentos e enriquece este simpático thriller.